

THE CRIMSON KIMONO / 1959

(O Quimono Misterioso)

um filme de Samuel Fuller

Realização e Argumento: Samuel Fuller / **Fotografia:** Sam Leavitt / **Direcção Artística:** William E. Flannery, Robert Boyle / **Música:** Harry Sukman / **Som:** John Livadary, Josh Westmoreland / **Montagem:** Jerome Thoms / **Interpretação:** Victoria Shaw (Christine Downs), Glenn Corbett (Inspector Charlie Bancroft), James Shigeta (Inspector Joe Kojaku), Anna Lee (Mac), Paul Dubov (Casale), Jaclynne Greene (Roma), Reyle Morrow (Hansel), Gloir Paul (Sugar Torch), Barbara Hayden (Mãe), George Yoshinaga (Willy Hidaka), Kaye Elhardt (Nun), Aya Oyama (Gertrude), George Okamura (Charlie).

Produção: Samuel Fuller (Globe Enterprises) / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original, legendada electronicamente em português / **Duração:** 81 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1959 / **Estreia em Portugal:** Olímpia, em 19 de Março de 1962.

THE CRIMSON KIMONO é apresentado em "double bill" com **YEAR OF THE DRAGON**, de Michael Cimino ("folha" distribuída em separado). Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

The Crimson Kimono é, talvez, uma das obras mais perfeitas do autor de **Forty Guns**. Ela parece resumir todas as questões éticas que os filmes anteriores expõem, sob a aparência duma história policial. De facto, a partir de certa altura, e durante quase todo o filme, a investigação passa para segundo plano, subsiste como uma espécie de acompanhamento coral que se ouve em surdina em simultâneo com o solista, ecoando e sublinhando o sentido das frases. O que predomina é antes de mais, uma questão cultural, como acontecia em **Run of the Arrow** ou **House of Bamboo**. Mas todos os temas do cinema de Fuller parecem confluir para este filme. Como O'Meara, Joe Kojaku pretende esquecer a sua origem, diluir-se no alegado "melting pot" que se presume ser a sociedade americana. Ora o que se passa é que esta se assemelha, antes de mais, a um arquipélago, onde cada cultura forma uma ilha específica mantendo a sua autonomia em relação às outras. O que logo de imediato surpreende em **The Crimson Kimono** é a distorção que provoca. Se uma legenda inicial não nos situasse em Los Angeles, a primeira impressão de um espectador (e a que terá qualquer que chegue atrasado) que persiste durante um certo tempo é a de que se está em Tóquio, de tal modo o cenário se confunde com o de **House of Bamboo**. "Little Tokyo" representa aqui o mesmo mundo fechado e organizado duma cultura autónoma no interior dos EUA com a força e a afirmação que só cerca de trinta anos mais tarde voltaremos a encontrar na "Little China" de **Year of the Dragon** de Michael Cimino, filme que tem outros paralelismos evidentes com o de Fuller. Salta à vista que Cimino se inspirou na sequência de abertura de **The Crimson Kimono** para uma das mais dramáticas do seu filme, sem esquecer o que de semelhante têm os aproveitamentos dos desfiles típicos (os enterros de Cimino e o Festival Nisei de Ano Novo, de Fuller): a morte das duas mulheres na batalha de rua. A sequência de abertura do filme de Fuller segue o modelo tradicional do cinema deste autor: trata-se de agarrar de imediato, ao nível das sensações, o espectador. Vindo do jornalismo, o seu cinema está construído como uma peça jornalística. A abertura é, como o cabeçalho que tem a função de chamar de imediato a atenção do leitor/espectador, sendo o resto do filme o artigo onde se encontram os elementos informativos. Depois duma panorâmica sobre Los Angeles de noite, cliché que de imediato nos faz mergulhar no universo do cinema "negro", a câmara de Fuller leva-nos a um cabaret onde Sugar Torch dança. Numa montagem rápida (que na obra de Fuller alterna

frequentemente com os longos planos-sequência) assistimos à tentativa de assassinato da bailarina e à sua fuga desesperada pelas ruas, num "travelling" alucinante (filmada em exteriores naturais, nas próprias ruas de "Little Tokyo", a sequência é um exercício magistral de "mise-en-scène") para culminar no tiro que a prostra no meio do trânsito. A encenação sugere-nos assim um "thriller" clássico, sensação que se vai manter ainda durante um certo tempo, embora uma nota insólita seja logo a seguir introduzida: o par de detectives, ambos americanos mas de etnias diferentes (contraste que hoje aparece com frequência no cinema policial americano, mas sem consequências de maior, incidindo mais no aspecto anedótico ou no confronto de vontades e métodos, enquanto a originalidade do filme da Fuller está no confronto entre duas culturas). De imediato se começa a verificar que o que importa em **The Crimson Kimono**, é menos o crime, o "whodunit" do que o conflito que surge entre Charlie e Joe, ambos inspectores que compartilham do mesmo quarto, e ligados por uma amizade cimentada na guerra da Coreia, onde Joe salvou a vida de Charlie ("I'm walking around with a pint of Joe's blood"). Conflito que surge a propósito duma mulher mas que serve apenas para revelar o dilema em que Joe se debate: desejando assumir-se inteiramente como americano, e recusando mesmo falar na língua original com outras japonesas, acaba por ver numa natural manifestação de ciúmes (Charlie começa a sentir que Chris está mais interessada em Joe), aquilo que confunde, ou que a sua compulsão faz confundir, com racismo. Fuller deste modo inverte, de forma magistral, os dados de um cinema que então vingava e que tinha a ver com os direitos das minorias segregadas e as relações inter-raciais: **The Defiant Ones** de Kramer, **Edge of the City** de Ritt, **Sayonara** de Logan e um estranho western de James Clavell, **A Escrava Chinesa (Walk Like a Dragon, 1960)**. Na sua obsessão pelo segregacionismo de que se julga vítima (que julga também prejudicar as suas ambições na carreira) é ele que acaba por reagir de forma racista em relação a Charlie. Se a investigação a que parece põe de revelo esta manifestação a sua conclusão é, simultaneamente, como que uma superação: a morte de Roma nos seus braços alcança uma força catártica positiva que se contrapõe à morte de Bob Ford e à de Deviln no final de **Underworld USA**. **The Crimson Kimono** é assim uma espécie de ante-câmara menos negativa à trilogia pessimista com o mais desencantado olhar que alguma vez se lançou sobre a sociedade americana que chega mesmo a ser comparada a um asilo de alienados (**Underworld USA, Shock Corridor, The Naked Kiss**). Só então nos apercebemos nesse plano em que Joe tem Roma nos braços, de que o móbil dos crimes era o mais fútil e dramático de todos: um crime de ciúme, e de que a sua causa partia de um equívoco, uma confusão de sentimentos, a mesma em que Joe vive. Esta circulação subterrânea, estes sentimentos de amor ou de ódio que se movem de um para o outro (Charlie e Joe) por interposta pessoa (Chris e Roma) é o que mais aproxima este filme da obra-prima de Fuller, **I Shot Jesse James**, e também (na relação Joe/Chris) de **Pick-Up...** (Outra afinidade, e em ambos os casos fabulosa, existe entre este filme e **The Crimson Kimono**: a figura duma mulher de maternidade frustrada que circula em volta de Skip e de Charlie: Moe (Thelma Ritter) e Mac (Anna Lee) a pintora alcoólica confidente do inspector. Repare-se também na semelhança dos nomes, que contribui para reforçar essa identidade).

Na impossibilidade de dar conta de toda a riqueza de uma das mais importantes obras de Fuller (só comparável a **I Shot Jesse James, The Steel Helmet, Pick Up on South Street e House of Bamboo**, numa opinião pessoal) não podemos deixar de referir algumas das suas sequências mais importantes: desde logo o genérico que, na forma como o desenho surge cada vez mais nítido dá a entender a descrição cada vez mais definida duma personagem, que será Joe, mas se estende a todo o filme; o estilo realista e a fabulosa utilização dos exteriores de "Little Tokyo" e da noite; as sequências inicial e final, simétricas e complementares e os perturbantes ângulos de tomadas de vista que os acompanham (a confissão de Roma pontuada pelas máscaras japonesas); a fabulosa sequência de Kendo que põe frente a frente Joe e Charlie e em que o primeiro quebra as regras que, em princípio, devia ser o primeiro a observar. Finalmente os belíssimos planos que parecem comentar as afinidades e a relação entre Joe e Charlie e que vão do movimento da grua ao monumento no cemitério Nisei com as citações de Eisenhower a Ridgway ao interior do templo que liga **The Crimson Kimono** a **The Steel Helmet**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico